

Motos e carros: percursos e pilotos à margem da legalidade

Reseña del libro: JEOLÁS, Leila e KORDES, Hagen. (2013) *Risquer sa Vie Pour une Course. Parcours de Vie d'une Jeunesse Brésilienne Accro aux Courses Illégales de Voiture et de Moto*. Paris: L'Harmattan. (182 páginas).

Por *Maria Beatriz Pacca** y *Celso Vianna Bezerra de Menezes***
Universidade Estadual de Londrina, Brasil
bpacca@uel.br - cvbmenezes@uel.br

Uma velha amizade e uma afinidade intelectual de há muitos anos acabaram encontrando condições virtuosas que permitiram que a antropóloga brasileira Leila Jeolás e o cientista da educação alemão Hagen Kordes se juntassem numa empreitada de alguns anos de pesquisa conjunta e que resultou nesta obra inovadora publicada na França (Jeolás e Kordes, 2013). Na França porque ela é fruto também do pós-doutorado realizado pela pesquisadora na Université de Strasbourg junto ao grupo de pesquisa dirigido por David Le Breton.

A afinidade maior que juntou os dois pesquisadores nesta obra advém de seus estudos dedicados ao “risco”, este “tema demônio” de nossa época contemporânea, no dizer de E. Morin (Jeolás e Kordes, 2013: 22). Mas os riscos que cada um deles pesquisa não têm a mesma acolhida pela literatura das administrações biopolíticas, “os riscos estudados por Jeolás são considerados como maiores: os mais graves (aids) e os mais frequentes (trânsito). Os riscos de Kordes não entram nestas categorias de ‘frequência’ e ‘gravidade’: nem a discriminação racial, nem os trabalhos perigosos, nem os obstáculos estruturais de vida” (Jeolás e Kordes, 2013: 23). Mesmo simplificando em demasia os argumentos expostos no texto, talvez pos-

samos dizer que de um conjunto de fatores emergem os riscos que emanam de todas as sortes de comunicações perigosas. Estes “são reunidos nos ‘grupos de riscos’ que são reputados como perturbadores do funcionamento do social. É aqui que os aficionados por corridas ilegais de carros e motos, os *rachadores*, entram ‘em jogo’, junto com todos os outros que desarranjam o bom funcionamento das comunicações e provocam o aumento dos gastos públicos. A partir daí, não há mais que um passo para que os riscos socioeconômicos gerem as crises sociais e econômicas: insucesso na carreira e queda de padrão de vida, desemprego e inflação, exclusão e isolamento social” (Jeolás e Kordes, 2013: 25). Em outros termos, diríamos que é um “outro olhar” sobre o tal “demônio” que ensejou a união de uma antropóloga e de um cientista da educação em uma empreitada cujo resultado é este livro.

Esta empreitada ganhou o justo e feliz subtítulo de “percurso”, ação de percorrer, termo que nos remete a ações de correr sem parar, ir a toda pressa, andar, atravessar, mas também à ideia de efetuar investigação, esquadrinhar, explorar os percursos de *rachadores* e dos próprios investigadores também. Aliás, este livro, como relato etnográfico, nos diz como os

* Professora Doutora de Letras do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Estadual de Londrina.

** Professor Doutor de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina.

“percursos” de todos se cruzaram. Embora a pesquisa siga os contumazes passos da pesquisa etnográfica - a pesquisa na internet; a pesquisa de campo em vários lugares da cidade; a observação e a elaboração de cadernos de campo; as entrevistas formais e informais; o registro de fotos e vídeos -, ela também foi a história-percurso de Leila Jeolás, um trajeto de seis anos, de 2006 a 2011, nas ruas e nas rodovias ao redor da cidade, nas praças, nos postos de gasolina, nas garagens especializadas na preparação de carros e motos, e também no autódromo da cidade nos encontros de *rachas* institucionalizados. Este trajeto seguiu a história-percurso de alguns *rachadores*, mas histórias de vida tópicas, ou seja, histórias de vida sobre a questão dos *rachas*.

Mas quem são estes *rachadores*? Resumidamente, “excetuando o fato de serem todos do sexo masculino, eles têm um perfil realmente heterogêneo, a começar pela faixa etária, que vai de 18 a 40 anos, o que já nos deixa em dúvida quanto a qualificá-los de ‘jovens’. [...] Atualmente, mesmo os jovens detentores de baixo poder aquisitivo têm acesso a um dos bens de consumo privilegiado do século vinte – o veículo motorizado; ainda que desprovidos de capital econômico, eles têm acesso a um capital tecnológico que permite a transformação de seus carros e motos e a personalização deles à sua imagem, isso porque estão inseridos em uma grande rede de trocas de serviço, peças e outros favores” (Jeolás e Kordes, 2013: 22). “No universo das motos de poucas cilindradas vemos jovens de classes populares que geralmente utilizam suas motos também no trabalho; no universo dos automóveis, encontram-se jovens das classes populares e das camadas inferiores da classe média que possuem carros velhos consertados e “preparados” de acordo com seus meios e suas possibilidades” (Jeolás e Kordes, 2013: 22).

Os autores propuseram uma pesquisa-percurso, uma pesquisa que deveria manter-se móvel. “Portanto, a relação entre pesquisadores e *rachadores* às vezes se invertia. Esta inversão era desejada e produtiva, pois ela permitia que nós não abusássemos de nosso poder de adultos e cientistas de colocar definições. Nosso objetivo é reconhecer os *rachadores* em suas próprias articulações, deixando-nos a possibilidade de chegar às análises características dos antropólogos” (Jeolás e Kordes, 2013: 30).

A proposta de percurso enquanto uma prática móvel tornou-se uma imposição aos dois autores, pois que “o risco dos *rachadores* não é nem evidente, nem monolítico. Ele é vivido e verbalizado por eles de ma-

neira muito variável e ambivalente. Além disso, eles não assumem mais que um único risco, mas são envolvidos em uma série de riscos adjacentes que pretendemos descrever neste livro” (Jeolás e Kordes, 2013: 26). Os autores pensam em formulá-los como seis oscilações que enumeramos a seguir.

1) Oscilações espaço-temporais, por meio das quais os *rachadores* introduzem um *racha* no cronotopo entre o autódromo e as ruas e, ao mesmo tempo, uma certa ruptura entre as biopolíticas e as biossociabilidades. De certa maneira, eles tomam o cronotopo de assalto: *arrancada*.

2) Oscilações sociotécnicas, que provocam uma “derrapagem” entre a perda de controle e sua retomada. Isso é feito mais ou menos conscientemente, na busca da vertigem: *adrenalina*.

3) Oscilações sociopsíquicas, através das quais eles alternam “por em perigo” e “por em jogo”. Elas geralmente acabam em gozação e jogos divertidos: *brincadeira*.

4) Oscilações sociais entre gêneros, nas quais eles demonstram que seu “desejo de romper” se faz pela intermediação de um rito de masculinidade hegemônica: *domínio*.

5) Oscilações sociais entre pares, que lhes permitem compartilhar suas competições, dividindo vitórias e derrotas, bebidas e comidas, músicas e vestimentas em uma mesma rede de reconhecimento: *partilha*.

6) Oscilações entre gerações, por meio das quais eles se esforçam para se situar entre um rito de passagem e os ritos de impasse: percurso de risco, *burn around* (Jeolás e Kordes, 2013: 27).

O que os autores estão propondo como discussão é perceber a ambivalência que o risco adquiriu nas sociedades contemporâneas: de um lado, temos a prevenção (o evitar); de outro, a sociedade incita os indivíduos a procurarem as emoções fortes (drogas, carros possantes, filmes de ação). O livro evidencia essa ambivalência que está presente nos universos dos *rachadores*. Estes estabelecem uma relação orgânica com a prática da velocidade, uma sintonia com as máquinas, mesmo porque eles viveram isso nos seus processos de socialização, desde a infância, e a evolução tecnológica vem reforçar essa relação. “Em uma atmosfera dos percursos de risco, os *rachadores* vivem em um estado entre dois, um estado mitigado que oscila entre resistência e submissão, entre a cólera e o conformismo. [...] Duas funções principais são preenchidas pelos ritos de masculinidade dos *rachadores*: a resistência à rotina morna de uma cotidianidade que

transmite aos jovens as sensações e as experiências de impotência, particularmente face à impossibilidade de escolher e controlar seus percursos. Assim, o sentimento de poder experimentado na relação homem-máquina abre a possibilidade de se livrar, ainda que momentaneamente, da organização imposta pelas regras e instituições, bem como do controle e da disciplina dos corpos e dos costumes da civilização. Além disso, responde a uma busca identitária e à procura de reconhecimento, de modo que ela possa ser disseminada pelas redes de sociabilidade, em que eles partilham gostos, preferências e práticas” (Jeolás e Kordes, 2013: 174).

Um aspecto fundamental deste estudo de Jeolás e Kordes é deixar claro que a noção recorrente de risco nas ciências é pensada como probabilidade de um evento negativo acontecer: é uma concepção corrente, um consenso em várias áreas de conhecimento. No entanto, os estudos destes pesquisadores mostraram que a prática dos *rachas* tem outra concepção, diferente daquela utilizada nas outras áreas, pois que elas incluem as dimensões que têm a ver com diversão, brincadeira, excitação, ou seja, a dimensão lúdica de tais práticas.

Para finalizar, devemos observar que os autores têm a preocupação de que suas pesquisas ensejem modificações nas políticas públicas direcionadas aos jovens das populações de baixa renda. Em uma entrevista a um jornal local quando do lançamento deste livro, Leila Jeolás questiona dois pontos no que tange às políticas públicas: “o sentido geral de risco a partir do qual o poder público constrói seu discurso para trabalhar com a prevenção para a preservação da vida e as ações de governo que, na maioria das vezes, são as

mesmas para públicos diferentes”. A pesquisadora acrescenta: “Neste contexto, o discurso do poder público tem que ser repensado, como em toda política de prevenção. Conhecendo quem são as pessoas, o que buscam com essa prática, qual seu universo de socialização, o sentido de risco que partilham, é possível oferecer alternativas que venham ao encontro do que tem sentido para elas. Não adianta dizer que vai oferecer aula de futebol, de artesanato, isso não faz sentido para os aficionados por motores e velocidade. Uma possibilidade é oferecer de fato espaços públicos com a devida segurança para que essas práticas aconteçam. É uma forma de minimizar os riscos” (Pelegrino, 2014).

A versão francesa traz a marca de uma pesquisa que busca descrever abstratamente o vivido, o que é perceptível sobretudo nos esquemas apresentados no livro. A continuidade do trabalho dos pesquisadores pressupunha uma versão brasileira, que poderia trazer à tona uma “pegada” mais ativista, tão cara aos dois pesquisadores. No entanto, após a morte inesperada de Hagen Kordes, talvez essa versão não venha a acontecer. Por isso, essa resenha é também uma pequena homenagem ao pesquisador.

Bibliografía

PELEGRINO, Erika. (2014) *Pesquisa revela o universo dos rachas*. <http://www.jornaldelondrina.com.br/mundo/conteudo.phtml?id=1438907>. Acessado em 26.02.2015.

Citado. PACCA, María Beatriz (2015) “Motos e carros: percursos e pilotos à margem da legalidade” en Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad - RELACES, N°17. Año 7. Abril-Julio 2015. Córdoba. ISSN: 18528759. pp. 104-106. Disponible en: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/379>

Plazos. Recibido: 03/03/2015. Aceptado: 20/04/2015.